

Como citar esse artigo: MARISCAL, Aurélio Affonso; PANCHINIAK, Thiago. A prática do ensino de Geografia em uma metodologia interdisciplinar por projetos. In: FERRETTI, Orlando; SPRINGER, Kalina S. (orgs). Artigos da disciplina estágio curricular supervisionado em geografia II: segundo semestre de 2014. Florianópolis: NEPEGeo; UFSC, 2014. Disponível em: <http://nepegeo.ufsc.br/artigos-para-a-disciplina-estagio-supervisionado-em-geografia-ii/>

A PRÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA EM UMA METODOLOGIA INTERDISCIPLINAR POR PROJETOS¹

Aurélio Affonso Mariscal
Thiago Panchiniak

Resumo

Neste trabalho será apresentado o papel da Geografia dentro de uma metodologia interdisciplinar por projetos, fundamentado em nossa participação em aulas da Educação de Jovens e Adultos - EJA da Secretária de Educação de Florianópolis. Para isso buscou-se analisar o período de observação e prática do estágio através da ótica de estudiosos da educação interdisciplinar e principalmente da EJA, como por exemplo Paulo Freire, Ivani Fazenda e Nídia Nacib Pontuschka.

Para tal, nos propusemos a analisar a forma como a educação está organizada no Brasil, buscando observar o papel da interdisciplinaridade no contexto da educação em geral, focando na EJA. Tendo em vista que na metodologia por projetos os trabalhos são executados utilizando tal metodologia. tem uma participação maior dos alunos e a interdisciplinaridade se faz necessária para o desenvolvimento dos trabalhos, já que os assuntos pesquisados podem ter relação com todas as áreas do conhecimento.

Dessa forma e levando em consideração os diferentes aspectos da educação no Brasil,

¹ Este artigo é resultado das observações e práticas realizadas nas disciplinas Estágio I e Estágio II do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina –UFSC.

bem como, as características vivenciadas durante o período de estágio na EJA, o objetivo deste artigo é de em primeiro lugar apresentar a nossa experiência ao trabalhar na EJA em Florianópolis, tanto com a nossa docência como com as nossas observações, através da metodologia interdisciplinar por projetos, e dessa forma ser capaz de apresentar aos leitores a importância da Geografia dentro deste modelo. Sendo assim, pretendemos através de nossas experiências reafirmar a visão de que a Geografia por estudar o espaço geográfico composto de dimensões múltiplas, traz conhecimentos que contribuem com temas transversais como pluralidade cultural, meio ambiente e temas locais específicos para cada região.

Palavras Chave: Interdisciplinaridade; Educação de Jovens e Adultos; Ensino Geográfico

Abstract

In this work will be presented paper from the of Geography within an interdisciplinary methodology for projects, based on our participation in classes of Youth and Adult Education - EJA Education Secretary of Florianópolis. For this we attempted to analyze the observation period and stage of practice through the lens of scholars of interdisciplinary education and especially the EJA, such as Paulo Freire, Ivani Fazenda and Nidia Nacib Pontuschka.

To this end, we set out to examine how education is organized in Brazil in order to observe the role of interdisciplinarity in the context of education in general, focusing on adult education. Considering that the methodology for project work are performed using this methodology. has a greater student participation and interdisciplinarity is necessary for the development of the work, as the issues surveyed may be related to all areas of knowledge.

Thus, taking into account the different aspects of education in Brazil, as well as the characteristics experienced during the probationary period in adult education, the aim of this paper is first to present our experience to work in adult education in Florianopolis, both with our teaching as with our observations through interdisciplinary methodology for projects, and thus be able to present to readers the importance of geography in this model. Therefore, we intend through our experiences reaffirm the view that geography to study the geographical space composed of multiple dimensions, brings knowledge that contribute to cross-cutting issues such

as cultural diversity, the environment and specific local issues for each region.

Key words: Interdisciplinary; Youth and Adult Education - EJA; Geography Education

Introdução

O presente artigo pretende mostrar como o ensino geográfico participa ativamente em uma metodologia interdisciplinar por projetos. Além de autores que tratam do assunto, usaremos como base de estudo, nossa participação em aulas da Educação de Jovens e Adultos - EJA de Florianópolis como estagiários².

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 temos as seguintes modalidades de ensino no Brasil: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional e Educação Especial, todos de nível básico e a Educação Superior com nível de mesmo nome. Na Educação Fundamental houve uma alteração em 2006 passando de oito anos para nove anos, divididos em Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano e Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano.

Atualmente no Brasil é utilizado o modelo tradicional de educação que segundo Oliveira “Nesse modelo de escola, o professor passa para o aluno, através da exposição verbal da matéria, de exercícios de memorização e fixação de conteúdos, de leituras em livros didáticos...” (OLIVEIRA, 2006, p. 02), considerado por Paulo Freire como uma educação que apenas deposita conhecimentos nos alunos, chamada de Educação Bancária “Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem: eis aí a concepção “bancária” da educação...” (FREIRE, 1997, P. 33). Em contrapartida à educação tradicional, temos o modelo de educação por projetos, que também segundo Oliveira “Encontra-se, no trabalho com projetos, uma proposta de

² Estágio obrigatório para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Dividido em dois semestres, no qual no primeiro (Estágio I) fizemos observação das aulas e dos encontros dos professores para o planejamento e a elaboração de um relatório. Já no segundo semestre (estágio II) participamos elaborando planos de ensino e ministrando vinte aulas de 40 minutos cada. Tanto a observação como as aulas ministradas foram no núcleo EJA Sul I, um dos 11 núcleos da EJA de Florianópolis, lotado na Escola de Educação Básica Anísio Teixeira, no bairro Costeira do Pirajubaé.

educação voltada para a formação de competências, que pretende que a aprendizagem não se torne passiva, verbal e teórica, mas que tenha a participação ativa dos alunos.” (OLIVEIRA, 2006, p.11). Os trabalhos executados utilizando a metodologia por projetos tem uma participação maior dos alunos e interdisciplinaridade se faz necessária para o desenvolvimento dos trabalhos, já que os assuntos pesquisados podem ter relação com todas as disciplinas.

Sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), Paulo Freire destaca a importância da leitura e da escrita “Não da leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las não implicasse outra leitura, prévia e concomitante àquela, a leitura da realidade mesma”(FREIRE, 1989). Desta forma, sobre o EJA Freire afirma o seguinte.

Se antes a alfabetização de adultos era tratada e realizada de forma autoritária, centrada na compreensão mágica da palavra, palavra doada pelo educador aos analfabetos; se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra. (FREIRE, 1989, p. 19)

A EJA de Florianópolis ensina por meio de uma metodologia que tem a pesquisa como princípio educativo, na qual projetos são formados pelos próprios alunos, escolhendo os assuntos que querem pesquisar, com temas decorrentes do dia a dia deles. As orientações em sala de aula são feitas por dois ou mais professores de áreas do conhecimento distintas. A interdisciplinaridade é usada de forma ampla não só pela presença de mais de um docente na sala de aula, mas também quando se reúnem em encontros de três horas duas vezes por semana para planejar o andamento dos projetos dos alunos. Tal método ainda não é utilizado no ensino regular ou utilizado de forma tímida, com isso a EJA da Secretaria de Educação do município de Florianópolis desponta com um modelo de ensino diferenciado para os jovens e adultos que querem ou precisam voltar a estudar.

Acreditamos que o estudo desse tipo de metodologia interdisciplinar voltada para pesquisa como forma de ensino seja necessária, por considerarmos um método no qual não só os alunos da EJA, em sua maioria adultos, como os adolescentes que estão no ensino básico tradicional possam desenvolver com a pesquisa sua capacidade de pensar e de desenvolver projetos coletivos que relatem a realidade vivida no lugar onde a escola está inserida, levando

assim uma compreensão mais detalhada dos problemas que a cercam. Sua importância é destacada também no Plano Nacional para Educação (PNE) de 2014 que traça 20 metas para a próxima década, em sua terceira meta destaca a estratégia 3.1 que trata da interdisciplinaridade no ensino médio: “institucionalizar programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação entre teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira flexível e diversificada...” (BRASIL, 2014). O próprio Ministério da Educação já trata do tema como uma estratégia de ensino para os próximos dez anos evidenciando a necessidade de se ensinar utilizando a interdisciplinaridade como metodologia de ensino.

Dessa forma e levando em consideração os diferentes aspectos da educação no Brasil, bem como, as características vistas durante o período de estágio na EJA, o objetivo deste artigo é de em primeiro lugar apresentar a nossa experiência ao trabalhar na EJA de Florianópolis, tanto com a nossa docência como com as nossas observações, através da metodologia interdisciplinar por projetos e assim ser capaz de apresentar aos leitores a importância da disciplina de Geografia dentro deste modelo. Como afirma Pontuschka “A Geografia, por estudar o espaço geográfico, composto de dimensões múltiplas, e considerar as relações existentes entre a sociedade e a natureza, traz conhecimentos que podem contribuir para os temas transversais, tais como Pluralidade Cultural, Meio Ambientes, Saúde e Temas Locais, mas certamente tem o que contribuir para outros temas, conforme o planejamento das escolas na cooperação mútua.” (PONTUSCHKA; PAGANELI; CACETE, 2009, p.132) pretendemos, através de nossas experiências reiterar esta visão de que a Geografia contribui com os vários temas que podem surgir dentro desta metodologia.

Interdisciplinaridade, uma Realidade que Enfrenta Barreiras

A ciência é praticada de forma compartimentada, seguindo os preceitos do capitalismo na qual não só a forma de trabalhar é dividida, mas também a maneira de pensar, formando trabalhadores não pensantes, para que estes não se voltem contra o sistema. As disciplinas como

são repassadas aos alunos dificulta sua aprendizagem, não estimula o desenvolvimento intelectual, prejudica a capacidade de resolver problemas e relacionar alguns fatos e conceitos. “O parcelamento e a compartimentação dos saberes impedem apreender o que está tecido junto”. MORIN (2000, p.45). Ainda de acordo com Morin (2000), as disciplinas do modo como estão estruturadas só vão servir para isolar os alunos do seu meio. Para poder mostrar as correlações entre os saberes, a educação deve romper com essas fragmentações, caso contrário, será sempre ineficiente e insuficiente para os cidadãos do futuro. Mesmo que em sua obra Edgar Morin não cite nenhuma vez a interdisciplinaridade, podemos verificar que suas ideias de descompartimentação das disciplinas estão de acordo com as ideias defendidas por estudiosos da interdisciplinaridade como veremos a seguir.

A interdisciplinaridade é um tema extremamente atual, e recorrente em todos os estudos relacionados a educação no Brasil, bem como nos documentos que determinam as diretrizes e planos para a educação no futuro, no entanto, muito pouco se vê de efetivo acontecendo em relação a interdisciplinaridade no ensino regular.

O primeiro estudioso da interdisciplinaridade no Brasil foi o Filósofo Hilton Ferreira Japiassu que já em 1976 conceitua: “interdisciplinaridade se caracteriza pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa” (JAPIASSU, 1976 p.74). O autor já questionava o ensino tradicional e arcaico ainda praticado no Brasil e trouxe a tona essa metodologia que pretende permear o ensino com as várias disciplinas, não de forma compartimentada mas sim integrada, na qual todas as matérias interagem entre si, tornando o ensino e a compreensão melhor da realidade pelos alunos.

Institucionalmente, o Estado brasileiro começa a discutir a interdisciplinaridade de forma mais incisiva no final do Séc. XX, após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - (LDB), que em 1996 define as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), conjuntos de medidas que começam a tratar o assunto com mais intensidade. Em 1999 os Parâmetros Curriculares Nacionais para ensino o médio conceitua a interdisciplinaridade:

O conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo conhecimento mantém um diálogo permanente como os outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação,

de negação, de ampliação, [...] (BRASIL, 1999, p.88)

E segundo as DCN de 2013 “A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra.” (DCN, 2013, p.28), assim verificamos como o Brasil começa a se preocupar e dar mais atenção para essa metodologia que já é utilizada em algumas instituições públicas, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, como veremos mais adiante.

A proposta de interdisciplinaridade segundo Severino (1989, apud PONTUSCHKA, 1999, P.100) “é, sem dúvida, uma tarefa inacabada: até hoje não conseguimos definir com precisão o que vem a ser essa vinculação, essa reciprocidade, essa interação, essa comunidade de sentido ou essa complementaridade entre as várias disciplinas”. Seguindo essa linha de raciocínio podemos dizer que, a interdisciplinaridade é ainda hoje, algo que não foi alcançado, é um processo que enfrenta resistência, não só nas reuniões pedagógicas nas escolas públicas e privadas mas também na academia e um exemplo claro disso é a própria Geografia, na qual se compartimenta o ensino em Geografia Física e Geografia Humana sem integrar os aprendizados das duas áreas. Partindo do princípio que dentro da ciência geográfica já há uma cisão, há que se ter persistência para que a interdisciplinaridade seja utilizada também nas universidades, em todas as áreas do conhecimento, para que a aplicação dela no ensino básico seja praticado e aceito com mais facilidade pelos professores.

A interdisciplinaridade pressupões um procedimento de pesquisa por parte do professor, pois ele precisa conhecer a base de outras ciências para trabalhar de forma a integrá-la e para isso deve haver uma interação entre os docentes das diversas disciplinas, como diz Pontuschka:

Há necessidade de um conhecimento mínimo sobre as disciplinas dos demais colegas para realizar uma prática interdisciplinar com êxito. Tendo essa perspectiva, o diálogo constante entre os professores para adquirir esse conhecimento suficiente e necessário é uma exigência. Nas escolas do Ensino Fundamental e Médio, uma das maiores carências é a de debates; faz-se necessário romper com o isolamento e promover a discussão, confrontando diferentes pontos de vista, aceitando que eles possam ser válidos, conforme as situações e os objetivos, conhecendo os pressupostos teórico-metodológicos das diversas disciplinas. (PONTUSCHKA, 1999, p.111).

Os docentes enfrentam resistências entre si, pois pensar interdisciplinarmente, passando de uma abstração, um trabalho solitário para um trabalho coletivo, trás contradições e diferenças

que podem dificultar ainda mais o processo. Dessa forma, o diálogo se faz necessário para que o ensino aconteça forma totalizante, na qual os alunos e professores possam realizar projetos interdisciplinares para desenvolver nos educandos o interesse pela pesquisa, podendo praticar a abstração e a crítica, chegando ao ensino superior mais preparados. “Os professores, que trabalham com o conhecimento e com sua transformação em sala de aula, têm um compromisso com a formação desse “homem inteiro” e, para tanto, precisam buscar formas alternativas e criativas para o trabalho pedagógico.” (PONTUSCHKA, 1999, p.102), cabe sim aos professores lutarem por essa prática, conversarem, realizarem projetos e pesquisas juntos, para que se fortaleça a prática da reflexão e fazer com que os alunos lutem contra a forma burguesa e compartimentada de se pensar, passando a agregar um conhecimento completo.

A conversa entre os professores se faz necessário para que em conjunto seja encontrado um consenso para o decorrer do projeto e para Ivani Fazenda esse diálogo é a “única condição de possibilidade da interdisciplinaridade” (FAZENDA, 2011, p. 11) e vai mais além ao dizer que os professores devem assumir o compromisso pessoal, com o grupo de docentes e com os alunos através de “uma relação de reciprocidade, de mutualidade ou, melhor dizendo, um regime de copropriedade, de Interação que irá possibilitar o diálogo entre os interessados” (FAZENDA, 2011, p. 162). A autora defende uma atitude diferente a ser assumida pelos educadores frente ao problema de conhecimento, substituindo assim a concepção fragmentada da educação para uma educação mais humana que integre os saberes das diferentes áreas, trazendo o educando mais próximo do educador de modo que o projeto interdisciplinar possa ser desenvolvido em conjunto.

Acreditamos que a interdisciplinaridade é uma maneira de organizar e ministrar as aulas de forma completa, levando aos alunos os conhecimentos básicos de várias disciplinas de forma conjunta, assim como um melhor desenvolvimento da leitura e escrita, mesmo que para isso o processo seja complexo e permeado de contradições entre os professores.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA)

De acordo a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos do Primeiro

Segmento, a EJA no Brasil passou a tomar forma a partir dos anos 1930 quando começou a se consolidar um sistema público de educação no país (BRASIL, 2001). A partir de 1947, havia intensão por parte do governo de integrar as massas populacionais de imigração recente e ao mesmo tempo incrementar a produção. Para isto criou-se a Campanha de Nacional de Educação de Adultos que pretendia alfabetizar, condensar o curso primário em sete meses e em seguida capacitar profissionalmente os alunos. No entanto apesar desta campanha demonstrar resultados positivos em um primeiro momento, a partir dos anos 1950 a iniciativa perdeu força e foi extinta antes mesmo do final desta década, com críticas que se dirigiam tanto as suas deficiências administrativas quanto a sua orientação pedagógica (BRASIL, 2001).

Até o final da década de 1950, ainda acreditava-se na ideia de que o analfabetismo era o responsável pela situação econômica, social e cultural do país, somente a partir dos anos 1960 que essa ideia começou a mudar ao reconhecer o adulto analfabeto como ser produtivo, capaz de raciocinar e resolver seus problemas (BRASIL, 2001).

A partir dos anos 1960 “todas essas críticas convergiram para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos, cuja referência principal foi o educador pernambucano Paulo Freire” (BRASIL, 2001, p. 22). Foi então em 1964, devido à pressão exercida por intelectuais, estudantes e grupos católicos (que já praticavam iniciativas isoladas de alfabetização desde os anos 60) juntamente a grupos populares, que conseguiram a aprovação do Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire. No entanto devido ao golpe militar, ainda no mesmo ano, o plano seria interrompido antes mesmo de ser colocado em pratica.

Sobre os motivos, que o então presidente do Brasil a partir do golpe militar, deu para a revogação do Programa Nacional de Alfabetização, Feitosa faz a seguinte consideração:

Como vemos, com o argumento de que o material a ser empregado na Alfabetização da População Nacional deveria veicular ideias nitidamente democráticas e preservar as instituições e tradições de nosso povo, tira-se o direito do povo a uma educação libertadora, verdadeiramente democrática e emancipadora. (FEITOSA, 1999, p.35)

A partir da revogação do Programa Nacional de Alfabetização, os grupos que praticavam

a alfabetização e educação popular foram considerados uma grave ameaça a ordem, e aqueles que a promoviam foram severamente reprimidos. A partir desse momento o governo permitiu somente programas de alfabetização de adultos assistencialistas e conservadores, e em 1967, ele mesmo assumiu o controle dessa atividade com a criação do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). As orientações metodológicas do Mobral eram baseadas nas experiências consagradas do início dos anos 1960, no entanto, sem o sentido crítico e problematizador.

Durante a década de 1970 o Mobral expandiu-se por todo território nacional, porém o resultado desse processo eram os chamados analfabetos funcionais, pessoas que dominavam precariamente a leitura e a escrita. Paralelamente ao Mobral, nesse mesmo período, grupos dedicados a educação popular exerciam práticas isoladas de educação de adultos com proposta mais crítica, mas foi somente a partir dos anos 1980, com a abertura política e a emergência dos movimentos sociais, os projetos de educação ampliaram-se, de modo a se estenderem em turmas de pós-alfabetização, com trabalho escrito avançado e operações matemáticas simples.

Com base neste breve histórico da Educação de Adultos no Brasil, abordaremos neste momento, como funciona o método Paulo Freire de educação adultos de acordo com Feitosa (1999).

Na proposta freiriana o processo educativo está centrado na mediação educador-educando. Parte-se dos saberes dos educandos. Muitas vezes, o educando adulto quando chega à escola acredita não saber nada, pois sua concepção de conhecimento está pautada no saber escolar. Um dos primeiros trabalhos do educador é mostrar ao educando que ele sabe muitas coisas, só que esse conhecimento está desorganizado. À medida que o educador vai relacionando os saberes trazidos pelos educandos com os saberes escolares, o educando vai aumentando sua auto estima, participando mais ativamente do processo. Com isso melhora também a sua participação na sociedade, pois assume um maior protagonismo agindo como sujeito no processo de transformação social. (FEITOSA, 1999, p. 43)

Para melhor compreender como se configura o método Paulo Freire, precisamos ter em mente, que Freire determina a educação como fio condutor para a libertação, tanto do ponto de vista cognitivo, como social e político. Dessa forma Feitosa (1999) divide o método em dois princípios, o primeiro diz respeito “a politicidade do ato educativo” e o segundo a “dialogicidade do ato educativo”.

Quanto à politicidade do ato educativo, Paulo Freire afirmava que a educação em sua essência é uma ação política, ela não pode ser neutra, podemos ver isto ao perceber que o método não separa a construção dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita do processo de politização. Assim o aluno é desafiado a refletir sobre seu papel na sociedade ao mesmo tempo em que aprende a escrever a palavra sociedade (FEITOSA, 1999). O segundo princípio, da “dialogicidade do ato educativo” faz referencia ao fato de que toda metodologia é baseada no dialogo, entre todos fatores que fazem parte do processo educativo, professor, aluno e o objeto do conhecimento. Segundo Freire, o objetivo da educação é ampliar a visão do mundo, e isso só acontece quando a relação Homens-Mulheres-Educação é mediada por dialogo.

Tendo em vista a realidade da educação no Brasil, Pontuschka coloca que “Vivemos profundas mudanças, tanto na área econômica e social, como no interior dos sistemas educacionais, que afetam a vida da escola e de seus principais atores sociais: aluno e professor.” (PONTUSCHKA, 2000, p. 145-146), ainda de acordo com a autora, as mudanças ocorridas no processo educacional nesses últimos tempos tem como principal objetivo habilitar jovens para o mercado trabalho para ganhos financeiros.

Como resultado dessas mudanças, Pontuschka questiona como o professor de geografia pode realizar o seu trabalho nessa realidade que se transforma a todo o momento. Visto isso, Pontuschka coloca que a tarefa do professor é de educar o jovem e/ou adulto para não se deixar enganar, para tornar os estudantes menos ingênuos diante da realidade.

A implantação da Nova LDB; os Parâmetros Curriculares Nacionais, com a introdução dos temas transversais; a reorganização das escolas dos antigos 1º e 2º graus, separando o espaço físico dos diferentes níveis de ensino; as inovações no sistema de avaliação (SARESP, ENEM, PROVÃO); a “recuperação” de alunos nas férias por pessoas não habilitadas para tal tarefa; a reorganização da grade curricular que diminuiu o número de aulas de Geografia, História, Ciências e aumentou o número de alunos por classe, diminuindo o montante salarial do professor; o preconceito em relação à escola pública, são mudanças e problemas criados que, de modo geral, ainda não puderam ser bem compreendidos e avaliados pelos professores no interior do contexto histórico e espacial em que nos situamos. (PONTUSCHKA, 2000, p. 146)

No caso da EJA, as relações entre educação e economia são ainda mais evidentes, principalmente pelo fato de um dos maiores motivadores para que os jovens e adultos voltem a estudar é essa relação entre estudo e uma melhor colocação no mercado de trabalho ou até

mesmo o primeiro emprego para os mais jovens, e assim ascender socialmente.

O Ensino Interdisciplinar da EJA de Florianópolis

A Educação de Jovens e Adultos do município de Florianópolis conta com dez núcleos espalhados pela ilha e pelo continente. O Núcleo EJA Sul I está localizado na Escola Básica Municipal Professor Anísio Teixeira no bairro Costeira do Pirajubaé. Há um diretor que é formado em Matemática, exercendo funções administrativas e pedagógicas e oito professores responsáveis por conduzirem as aulas das seguintes disciplinas: Geografia, História, Português, Matemática, Artes, Espanhol, Educação Física e Ciências. O professor responsável pela disciplina de Geografia formou-se pela UFSC no ano de 2010 e mestre no ano de 2013, atualmente está fazendo seu doutorado na mesma instituição.³ Os professores da EJA Sul I procuram ter o conhecimento do meio onde a escola está inserida através de conversas com os alunos que moram no bairro, esses diálogos são feitos informalmente no refeitório, no corredor e dentro de sala. Consideramos esse conhecimento do meio importante para o desenvolvimento das atividades com os alunos. De acordo com Lopes e Pontuschka o estudo do meio se caracteriza como um método de ensino com grandes possibilidades para a interdisciplinaridade, que visa proporcionar aos alunos e professores o contato direto com uma determinada realidade. “É importante considerar que esta prática pedagógica encontra plena expressão no interior de uma teoria curricular aberta na qual o trabalho educativo escolar não seja regulado, externamente, por um sistema de avaliação homogeneizadora e homogeneizante” (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p.174), como veremos a seguir no texto, a EJA em Florianópolis proporciona um ambiente propício a este tipo de prática, por ser uma metodologia baseada em projetos de pesquisa, e com bastante liberdade, mas, o meio no qual a escola está inserida acabada não atraindo muita curiosidade dos alunos.

A EJA da Secretaria de Educação do município de Florianópolis trabalha com uma metodologia interdisciplinar tendo a pesquisa como princípio educativo, um método pouco

³ No momento em que realizamos os estágios na escola tivemos varias conversas com o Diretor da EJA Sul I e o Professor de geografia, esses diálogos serão citados mais adiante.

utilizado no ensino regular, com isso a EJA de Florianópolis desponta como um modelo de ensino diferenciado para os jovens e adultos que querem ou precisam voltar a estudar.

Os professores da EJA de Florianópolis têm dois encontros semanais de 3 horas cada para planejar as próximas atividades, de modo que, a interdisciplinaridade é usada de forma constante nos planejamentos em que os professores passam de um trabalho solitário, como no ensino tradicional, para um trabalho coletivo, como concorda o professor de geografia, que nos supervisionou no estágio, disse em um dos diálogos que tivemos que uma das diferenças da EJA de Florianópolis é o planejamento, no qual os professores podem discutir o andamento das aulas seguintes e diz ainda que outra diferença importante é o fato de os trabalhos serem desenvolvidos voltados a pesquisa, práticas não utilizadas no ensino fundamental tradicional.

Os encontros são permeados de contradições, levando por vezes a discussões mais ríspidas que aparentam atrasar o processo, mas que ao passar das reuniões percebemos que é dessa forma que se constrói o consenso tratam-se de pessoas que são diferentes entre si, de disciplinas diferentes e essas contradições são comuns e levam, a nosso ver, a interdisciplinaridade. As diferenças são importantes para que o processo de planejamento se enriqueça com as ideias de todos os professores assim como diz Pontuschka “Nas escolas do Ensino Fundamental e Médio, uma das maiores carências é a de debates; faz-se necessário romper com o isolamento e promover a discussão, confrontando diferentes pontos de vista, aceitando que eles possam ser válidos, conforme as situações e os objetivos, conhecendo os pressupostos teórico-metodológicos das diversas disciplinas.” (PONTUSCHKA, 1999, p.111). O diretor da EJA Sul I, quando questionado sobre os planejamentos, nos informou que é a possibilidade que eles têm de pensar as aulas de forma interdisciplinar, pois caso não existissem estes planejamentos seria muito difícil trabalhar na EJA com a proposta metodológica por projetos.

Apesar da lógica atual da educação no Brasil, em que o número de aprovados é mais importante do que a qualidade da formação dos estudantes, a EJA e a Prefeitura de Florianópolis desempenham um trabalho muito interessante no que diz respeito aos alunos, a preocupação com a qualidade e com a interdisciplinaridade. Portanto, vemos que no caso da EJA, é interessante a utilização de um método inteiramente interdisciplinar, por trabalhar projetos com temas do cotidiano dos alunos fazendo com que estes tenham uma maior proximidade com o conteúdo

estudado, e atraindo mais o interesse deles para as aulas.

O Ensino da Geografia em uma Metodologia Interdisciplinar por Projetos

Como vimos anteriormente o Brasil vem se preocupando em inserir a interdisciplinaridade no ensino regular, com propostas para o ensino médio, mesmo que tímidas. Quanto a EJA, em 2002 foi publicado pelo Ministério da Educação a Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos, tendo o compromisso de oferecer a esses jovens o ensino de qualidade, não somente ofertando vagas.

No que se diz respeito a Geografia, a proposta nos trás as possibilidades de se trabalhar com projetos em que “A heterogeneidade dos alunos de EJA (em relação ao lugar de origem, às experiências de vida, à idade, aos valores e hábitos, às origens sociais e culturais, aos processos de escolarização) constitui um fator enriquecedor para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em Geografia” (BRASIL, 2002, p. 216). Explicando que a sala de aula representa um aglomerado de ideias, tanto dos alunos como dos professores, propiciando um ambiente favorável a elaboração de um projeto e diz ainda que:

Observar as representações dos alunos de EJA, investigar como explicitam alguns temas, conceitos ou categorias próprios da ciência geográfica, que significados atribuem a eles, como se originaram, que caminhos foram percorridos para sua elaboração – e que contradições ou ambigüidades traduzem – são procedimentos essenciais para que o professor contribua para e os alunos atuem na construção e ampliação dos conhecimentos.(BRASIL, 2002, p. 217)

Tal proposta diz ainda que o projeto pode ser construído de várias formas, porém o texto diz que a interdisciplinaridade pode ser o melhor caminho: “o projeto de Geografia ganhará mais riqueza e significado se for compartilhado e construído conjuntamente com outras áreas do conhecimento” (BRASIL, 2002, p. 231) e diz ainda que “Ganha importância, portanto, o trabalho conjunto com as outras áreas do conhecimento, num projeto coletivo da escola, orientado por uma perspectiva interdisciplinar.” (BRASIL, 2002, p. 235). Assim podemos ver que já existem parâmetros para que se utilize a Geografia de forma Interdisciplinar na formulação de projetos. Sobre o papel da geografia no contexto escolar, Pontuschka faz a seguinte afirmação:

A Geografia não dá conta dos objetivos a que a escola se propõe. A interação com os professores das demais áreas do conhecimento e com a cultura escolar é necessária no sentido de mobilizar toda a possibilidade existente nesse espaço em direção à formação do jovem no seu movimento de vida e nas relações sociais que mantém no interior de grupos sociais e nas instituições a que pertence ou a que venha a pertencer. (PONTUSCHKA, 2000, p.147)

Tendo em vista o que diz Pontuschka, “Não é possível pensar o ensino e aprendizagem da Geografia sem pensar que ela é parte integrante da escola” (PONTUSCHKA, 2000), este trabalho não irá dar ênfase ao ensino do conteúdo da geografia de forma tradicional, pois isso não se encaixa na metodologia interdisciplinar.

A geografia é uma ciência bem abrangente e por vezes utiliza-se de outras disciplinas para explicar um conteúdo, é uma disciplina que estimula os educandos a pensar, a questionar e segundo o professor de geografia da EJA sul o docente de geografia tem um papel fundamental despertando a consciência para a criticidade nos alunos e complementa comentado que a geografia trata dos temas do cotidiano de forma mais clara e levando em consideração que a EJA de Florianópolis é baseada em projetos que os próprios alunos desenvolvem, a geografia consegue despertar nos alunos o questionamento, essa vontade de buscar as informações e principalmente, como disse o professor de geografia da EJA Sul I, a criticidade.

Ao se trabalhar com um método totalmente interdisciplinar, no qual não existe um plano de ensino, definindo qual conteúdo deve ser trabalhado, percebemos que muitos desses conteúdos que estão presentes nos programas do ensino regular acabam não sendo trabalhados. E ao questionarmos, em conversa, o diretor do núcleo SUL I da EJA, sobre a falta que esses conteúdos poderiam fazer aos alunos, ele, que é professor de matemática, nos questionou quantas vezes nós, estudantes de geografia, usamos equações do 2º grau durante nossa formação, nossa resposta, evidentemente, foi, nenhuma. Enfatizando o ponto de que nem sempre aqueles conteúdos que constam nos programas escolares são realmente essenciais para fora do ambiente escolar. Apontou ainda que “as disciplinas do cotidiano são muito mais relevantes do que os conteúdos programáticos que dizem que vão dar conta dos alunos terem o conhecimento, não, o conhecimento está no dia a dia desses alunos” (Diretor da EJA Sul I, Professor Orélio, 2014).

Entendemos então que a Geografia pode e deve ter uma participação importante nessa

metodologia, sem, portanto, desmerecer ou não considerar importante a participação das outras áreas do conhecimento que agregam saber e que, sem elas não seria possível praticar a educação.

Conclusão

Tendo em vista nossa experiência na EJA de Florianópolis, assim como os autores supracitados podemos dizer que o ensino interdisciplinar através dos projetos pode e deve ser utilizado, não só no ensino de educandos adultos, mas também no ensino de crianças e adolescentes do ensino básico por considerarmos a metodologia por projetos, utilizando a pesquisa e interdisciplinaridade como princípio educativo, a maneira de organizar e ministrar as aulas de uma forma completa, levando assim os conhecimentos básicos de todas as disciplinas e, principalmente a leitura, escrita e oratória nos alunos, mesmo que para isso o processo seja complexo e permeado de contradições entre os professores.

Temos para nós que quando formos professores e assumirmos as turmas de ensino tradicional, teremos certo estranhamento na forma em que os trabalhos vão seguir, tendo em vista que nosso estágio difere da metodologia pois não usa a interdisciplinaridade como proposta. Parece, a nosso ver, que o ensino tradicional está atrasado em relação à proposta voltada a pesquisa, porém não nos sentimos despreparados para assumir tais turmas, já que essa experiência na EJA poderá nos ajudar ao prepararmos uma aula permeada de, e para, a interdisciplinaridade, podendo inclusive engajarmos os professores para que aplique essa metodologia, propondo aulas, trabalhos e saídas de campo em conjunto.

Entendemos que a Geografia tem um papel fundamental no ensino interdisciplinar por projetos, por ser uma disciplina abrangente e permeada por praticamente todas as áreas do conhecimento, ajudando assim os alunos a desenvolver as problemáticas e a executar as pesquisas. Finalizamos ao deixar as considerações do diretor da EJA Sul I, que, como vimos, é formado na área de exatas. Ele colocou que foi de grande importância a presença de estagiários de geografia na EJA, já que, ele acredita que essa disciplina encaixa-se na metodologia praticada por eles pois trata-se de uma das disciplinas mais completas englobando todas as áreas ao mesmo

tempo e conclui que por ele poderia ter mais estagiários da geografia nos outros 10 núcleos de Florianópolis.

Referências

BRASIL, Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação - PNE, 2014, disponível em http://pne.mec.gov.br/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf - Acessado em 12/10/2014.

BRASIL, LDB - Lei 9.394 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996, Atualizada pela Lei 12.796 de 2013, disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> - Acessado em 11/10/2014.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN: Ensino Médio. Ministério da Educação. Brasília, 1999. p.88.

BRASIL, Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos - Primeiro Segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª Série), 3ª Ed., 2001 p.20-22 - Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/primeirosegmento/propostacurricular.pdf>, acessado em 15/10/2014.

BRASIL, Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos - Segundo Segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª Série), Volume 2, 2002 p.216-217- 231-235- Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf, acessado em 25/10/2014.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia? São Paulo: Loyola, 1979. p.08-11-162.

FEITOSA, Sônia Couto S. Método Paulo Freire. Princípios e Práticas de uma concepção Popular de Educação. Dissertação de Mestrado. FE-USP, 1999. p.35-43.

FREIRE, Paulo. Política e Educação. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 2001, p. 22-56.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23ª ed. São Paulo, Editora autores associados, 1989, p.19-49.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido . 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.33 – disponível em:

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/propostacurricular/segundosegmento/vol2_geografia.pdf - acessado em 26/10/2014.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.74.

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. Estudo do meio: Teoria e Prática. Revista Geografia (Londrina) – Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, v.18 , n.2, 2009.

p.174

-

disponível

em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/viewFile/2360/3383>, acessado em 24/10/2014.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 45.

OLIVEIRA, Cacilda Lages - Significado e contribuições da afetividade, no contexto da Metodologia de Projetos, na Educação Básica, dissertação de mestrado – Capítulo 2, CEFET-MG, Belo Horizonte MG, 2006, p. 02-11.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia, representações sociais e escola pública. Revista Terra Livre – Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), São Paulo, 2000, nº15, p.145-146-147.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Interdisciplinaridade: Aproximações e Fazeres. Terra Livre -AGB, São Paulo, 1999, n. 14, p. 100-102-111, Disponível em: http://www.agb.org.br/files/TL_N14.pdf, consultado em 18/10/2014.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hanglei. A formação docente e o ensino superior. Para ensinar e aprender Geografia. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009, p.132.